

ESTUDO SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO EM USO NA BAIXADA SANTISTA

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto (USP)¹

Abstract. In this paper we analyze the co-occurrence of the pronouns of address tu, você - and its variant ce -, in a play staged by santistas youngs for a school community in São Vicente, São Paulo, considering three continua: monitoring, tension and involving. We were based on the principles and fundaments of the functional theories of HALLIDAY (1976, 1985) and DIK (1989), that allied to Variacionist Sociolinguistic of LABOV (1983) gave us the support that we were looking for.

Keywords. pronouns of address; você; tu; senhor.

Resumo. Neste artigo analisamos a co-ocorrência das formas de tratamento tu, você - sua variante ce - e senhor numa peça teatral apresentada por jovens atores em São Vicente, São Paulo, levando-se em consideração três continua: monitoramento, tensão e envolvimento. Buscamos os princípios e fundamentos das teorias funcionais de HALLIDAY (1976, 1985) e DIK(1989), que aliados à Sociolinguística Variacionista de LABOV (1983), nos deram o suporte que buscávamos.

Palavras-chave. formas de tratamento; você; tu; senhor

0. INTRODUÇÃO

Em trabalho anterior, MODESTO (2003), procuramos refletir sobre a correlação das formas de tratamento na região da Baixada Santista segundo os julgamentos de valor que alguns falantes faziam destas. Enumeramos abaixo algumas das conclusões preliminares a que chegamos:

1. a correlação está ligada aos estilos de fala (variação estilística).

¹ Ligado ao Programa de Pós Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo

2. as formas *tu e você* podem ocorrer num mesmo contexto, porém a forma *tu* é estigmatizada preferindo-se conscientemente o uso de *você*;
3. a forma *senhor/senhora* está restrita às situações de poder: maior formalidade e respeito, como nas relações hierárquicas familiares e profissionais.

Estendendo nossas reflexões ao nível do discurso, acreditamos na hipótese fundamental de que a configuração do contexto conversacional determina a escolha das formas de tratamento no português falado na Baixada Santista.

Para comprovar essa hipótese, levantamos os seguintes fatores que *a priori* condicionariam a escolha das variantes no ato comunicacional, dentro de um contexto de fala:

- 1- o grau de monitoramento da fala ([+ monitorada] e [-monitorada]);
- 2- o grau de envolvimento entre os falantes ([+envolvimento] e [-envolvimento]);
- 3- os graus de tensão nos contextos conversacionais ([+tensão] [-tensão]);

Acreditamos que os fatores citados não são estáticos, dicotômicos, mas sim há um *continuum* de uma situação com características mais ou menos monitoradas, com mais ou menos envolvimento entre os interlocutores, e com níveis maiores ou menores de tensão quanto ao conteúdo informacional.

Assim como SILVA (2003:170), “entendemos por formas de tratamento palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir à outra pessoa”. SILVA estabelece quatro níveis para essas formas de tratamento: formas pronominalizadas, formas nominais, formas vocativas e formas referenciais (cf. p.171) Restringimo-nos, porém, neste trabalho, às formas pronominalizadas *tu, você e ce*. Durante a análise, verificamos a necessidade mencionar também a forma *senhor* devido à grande ocorrência desta forma em uma das cenas.

Não foi nosso objetivo neste trabalho, discutir sobre as relações sintático-funcionais entre os usos *você* e *ce*². Nossa decisão por explicitá-lo, repetimos, é porque sua co-ocorrência com a forma *você* mostrou-se quantitativamente significativa.

Procuramos suporte na teoria sistêmico-funcional de HALLIDAY (1974, 1976, 1985) e no modelo de interação verbal proposto por DIK (1989), já que ambos buscam estabelecer modelos que expliquem o funcionamento das línguas naturais no ato comunicacional. HALLIDAY busca estabelecer relações entre todas as escolhas semanticamente relevantes feitas na língua como um todo, procurando chegar, assim, à resposta ao porquê um falante escolhe determinados itens dentre os tantos disponíveis naquela língua para fazer o seu enunciado. DIK (1989) oferece um ajustado modelo de interação verbal que leva em consideração a competência lingüística do falante no ato comunicacional.

Entendemos que as escolhas feitas pelo falante são consequência do que LABOV (1983), ao estudar as diferenças nos usos da linguagem em seu contexto social, chama de variação estilística. O princípio básico da variação estilística é que o falante não utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha de diversas possibilidades de expressão. Para LABOV, há um *continuum* que vai da máxima informalidade até a máxima formalidade.

O *corpus* selecionado para esse estudo constitui-se da gravação de uma peça teatral apresentada numa escola da cidade de São Vicente para estudantes de quinta a oitava séries. A peça foi escrita e apresentada pelos atores, dois jovens santistas, e apresenta diversas situações e contextos diferentes, o que serviu como ponto inicial para as reflexões sobre as formas de tratamento aqui estudadas.

² Há diversos trabalhos que tratam o tema *ce*, considerado inclusive recentemente como clítico. Conferir o trabalho de Jania Ramos listado na bibliografia final.

1. O APARATO TEÓRICO

Ao trabalharmos com as escolhas feitas pelos usuários da língua, fez-se necessário buscarmos os princípios e fundamentos das teorias funcionais, que aliados à Sociolingüística Variacionista de LABOV (1983) nos deram o suporte que buscávamos.

A clássica concepção da língua como um sistema aberto, variável, dinâmico, sendo esta variação condicionada por fatores internos (estrutura da língua) e externos (social, variável de falante para falante), é imprescindível para emprendermos nossa tarefa de determinar o modelo de interação verbal em que são utilizadas as formas de tratamento analisadas.

Um trabalho que busca uma abordagem funcionalista tem por questionamento fundamental, segundo DIK: “How does the natural language user (NLU) ‘work’? How does the speakers and addressees succeed in communicating with each other through the use of linguistic expressions?” (1989:xv)

Esse questionamento só pode ser respondido levando-se em consideração que é necessário formular um modelo que reflita parte das capacidades lingüísticas do falante (DIK:1989:2); ou seja, como este opera as expressões lingüísticas de maneira a marcar sua presença no ato comunicacional.

A língua é fruto da vivência do ser humano em sociedade, fruto da interação verbal, e serve como um meio de comunicação entre os seres sociais. Para HALLIDAY, o sistema lingüístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao *uso*. “...everything that is said or written unfolds in some context of use (...) Language has evolved to satisfy human needs...” (1985:xiii)

Refletindo sobre esta afirmação de HALLIDAY, podemos concluir que não é somente a organização interna do sistema que explica o funcionamento e o uso da língua. O sistema provê todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas é também a partir dos fatores externos que o falante deverá proceder para determinar suas escolhas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e usa a língua em situações variadas para atingir diferentes objetivos.

Para HALLIDAY, a língua é um sistema para produzir significados. Segundo NEVES (1997:59-60), “sistema (...) configura uma teoria da língua enquanto escolha. (...) A consideração do sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a idéia de que escolha produz significado.” As escolhas se situam no nível paradigmático, enquanto no nível sintagmático, estão as cadeias de relações. Todo esse processo produz um texto, que pode ser caracterizado como uma representação do sistema social e lingüístico.

Há que se descobrir, portanto, quais os mecanismos que os falantes utilizam para realizar suas escolhas. DIK (1989:8) propõe um modelo de interação verbal que explica de maneira satisfatória o papel da expressão lingüística no modelo de interação verbal do falante.

Esse modelo prevê uma “construção” em torno de uma expressão lingüística, mas esta serve apenas como mediadora entre os falantes. Há a intenção de um falante que deseja obter uma modificação na informação pragmática do outro, enquanto que o outro antecipa e reconstrói essa informação, reativando todo o modelo.

Nesse modelo, acreditamos que o contexto situacional adquire um fator importante para uma abstração inicial sobre a questão da escolha. É a partir do contexto situacional que o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assumem na interação verbal. A escolha depende,

portanto, da intenção do falante, da forma pela qual ele considera acertada para emitir sua informação pragmática e de como ele deseja que o destinatário a receba e retorne a ele.

O contexto situacional determina o registro. O registro é a utilização da língua de acordo com normas de uso. Segundo HALLIDAY (1974:114-117), os registros distinguem-se de acordo com o campo do discurso (o assunto), o modo do discurso (o papel desempenhado pela atividade linguística numa situação), e o estilo do discurso (as relações entre os participantes do discurso).

2. O CORPUS

A amostra selecionada para esse estudo constitui-se de uma peça teatral apresentada numa escola da cidade de São Vicente para estudantes de quinta a oitava séries. A peça foi apresentada por dois jovens atores de 20 anos aproximadamente. Infelizmente não nos foi dada permissão para utilizarmos em nosso trabalho a peça escrita pelos atores. Apenas nos autorizaram a trabalhar com o *corpus* gravado durante a apresentação. Como os autores não quiseram ser identificados, não foi possível indicar na bibliografia a referência a eles e ao seu trabalho.

Com cerca de cinquenta minutos de duração, a peça, intitulada “4 ATOS”, foi produzida com o intuito de alertar os jovens sobre alguns problemas sociais, e está dividida da seguinte forma:

Ato I: Estudo e Trabalho	Ato II: Drogas	Ato III: Violência	Ato IV: Sexo e Família
Cena 1: Estudo	Cena 1: Drogas	Cena 1: Violência	Cena 1: Sexo e Família
Cena 2: Trabalho			

Uma breve descrição de cada cena é apresentada a seguir:

ATO I:	ATOII	ATO III	ATO IV
---------------	--------------	----------------	---------------

<i>Cena 1: Estudo</i>	<i>Cena 2: Trabalho</i>	<i>Cena 1: Drogas</i>	<i>Cena 1: Violência</i>	<i>Cena 1: Sexo e Família</i>
Os problemas enfrentados por um jovem que não gosta de estudar e tem de fazer uma prova. Contracena com um outro jovem, mais consciente, que procura aconselhar o amigo.	Jovem que não terminou os estudos procura trabalho em uma agência de empregos e se vê em difícil situação diante do entrevistador.	Jovem a um passo de se drogar pela primeira vez conversa com “anjo bom” e “anjo mau”, ambos frutos de sua consciência.	Assaltante aborda transeunte tenta assaltar-lhe. O problema é que ele é o quinto assaltante do dia, e o rapaz está sem dinheiro.	Casal de jovens se prepara para ter a primeira relação sexual. Depois de algum tempo, já com o filho nos braços, a “garota” encontra o pai da criança.

O *corpus* torna-se rico por apresentar em um único lugar uma diversidade exemplar de situações comunicativas que seria muito difícil de obter de maneira convencional, através da prática da pesquisa de campo.

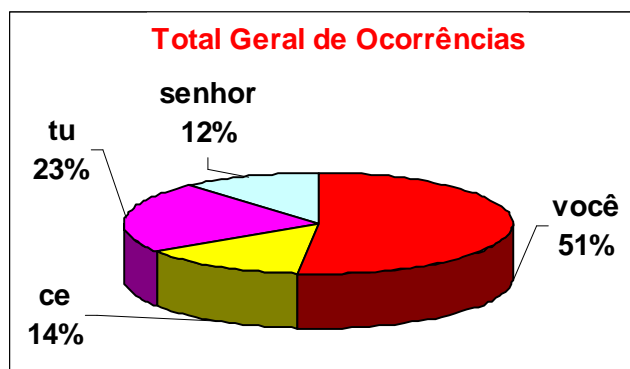
Neste sentido, concordamos com ABREU (1988:19) quando afirma que “o estudo sociolingüístico do tratamento é dificultado pela própria natureza do fenômeno em exame. Diferente de um fonema ou de uma estrutura sintática, que podem ocorrer inúmeras vezes ao longo do depoimento de um mesmo informante, o tratamento é de baixa frequência, visto que se restringe, usualmente, às eventuais referências ao interlocutor”.

Assim, mesmo que se tente colher gravações espontâneas em locais públicos, não se terá controle sobre as variáveis como escolaridade, idade, entre outros. Uma das soluções encontradas, portanto, é examinarmos as atitudes dos falantes para com o tratamento, focalizando os usos que o falante “julga” fazer em determinadas situações³, ou, ainda, através das peças teatrais “apresentadas”, onde os falantes tendem a representar os papéis de elementos sociais de maneira a garantir a verossimilhança, imprimindo, assim, características da fala cotidiana da comunidade.

³ Analisamos em trabalho anterior, os julgamentos de valor que os falantes fazem das formas de tratamento tu, você e senhor na região de São Vicente. (Modesto, 2003)

3. ANÁLISE DOS DADOS

Ao tomarmos a peça como um todo, verificamos uma tendência clara à utilização e preferência pelo pronome *você*, como podemos comprovar no gráfico geral que apresentamos mais abaixo. Podemos dizer que há realmente a coexistência das formas *senhor*, *tu*, *você* e *ce* no falar da comunidade em análise. Verificamos que, apesar da diversidade de situações que analisamos, a forma *você* aparece como preferência em 54% dos atos de fala. Em seguida temos a forma *tu*, com 23%. As demais formas, *ce* e *senhor*, ficam com 11% e 12%, respectivamente:



Com a finalidade de testar nossa hipótese inicial de que a configuração do contexto conversacional determina a escolha das formas de tratamento, analisamos cada cena da peça como portadora de características contextuais diferentes, conforme já explicitamos acima, quanto ao:

- grau de monitoramento da fala;
- grau de tensão no discurso;
- grau de envolvimento entre os interlocutores.

Sendo assim, no ATO I – *Cena 1: Estudo*, teremos a seguinte configuração contextual⁴:

ATO I <i>Cena 1: Estudo</i>	
(+ monitorado) -----	⊙ - (- monitorado)
(+ tensão) -----	⊙ - (-tensão)
(+ envolvimento) - ⊙-----	(-envolvimento)

A situação envolve a presença de dois interlocutores desempenhando o papel de amigos, colegas de classe. Podemos perceber nitidamente que os dois conversam muito à vontade, sem preocupação quanto ao registro, que caminha para a mais total informalidade.

Nesta situação, a presença da forma *tu* caracteriza e até mesmo marca o estereótipo da fala dos jovens na região, como podemos notar na seguinte passagem:

Exemplo 1:

L1: vai estudar... que que **tu** fez o/ semana inteira?

L2: que mané estudar cara... que mané estudar...final de semana meu... esse solzão... eu fui lá pro shopping dá uns bejo nas mina...

((risos))

L1: **tu** foi dar uns beijos nas minas...

L2: é lógico...

L1: e depois **tu** num vai ter um futuro garantido meu amigo...

L2: mas eu já sei o que que eu vou fazer no meu futuro..

O contexto oferecido indica uma relação de grande proximidade entre os interlocutores, e de, como diriam GILMAN& BROWN(1960), de solidariedade. SILVA (2003) amplia o conceito e diz que há uma relação de solidariedade informal, “marcadas por relações recíprocas informais” (p.176)

⁴ Para a configuração das três linhas imaginárias dos *continua*, baseamo-nos na proposta de Stella Maris Bortoni Ricardo sobre a configuração do português brasileiro. A proposta original consiste em analisar o português brasileiro segundo os três *continua*: *rural/urbano, oralidade/letramento e monitoração estilística*.

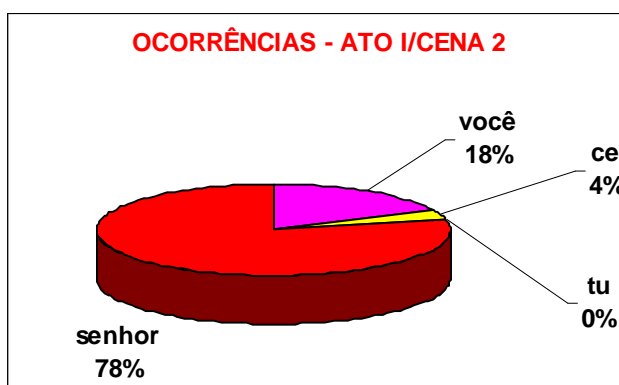
Note-se que o *tu* é usado sempre com a forma verbal da 3ª pessoa. Acreditamos que tal fato se dá pela confusão que se fez com o surgimento da forma *você*, proveniente de *Vossa Mercê*, forma de tratamento inicialmente formal, que exigia assim o verbo na 3ª pessoa, característica conservada com a gramaticalização de *você*. Tomando a primeira cena do Ato I isoladamente, obtemos o seguinte resultado:



No ATO I- CENA 2: *Trabalho*, há uma mudança brusca no relacionamento entre os interlocutores. Nesta cena, o jovem busca trabalho em uma empresa e fala com o entrevistador. Aqui se preza a distância entre os interlocutores, e a intenção do falante numa situação formal está na utilização de uma linguagem o mais formal possível, que venha a impressionar o interlocutor. Convém ressaltar que um dos objetivos da peça é ironizar a situação, mostrando que o jovem sem preparo tende a “passar vergonha” diante de uma oportunidade de emprego. Assim, temos a seguinte configuração contextual:

ATO I	
Cena 2: Trabalho	
(+ monitorado) - ⊙	----- (- monitorado)
(+ tensão) - ⊙	----- (-tensão)
(+ envolvimento)	----- ⊙ (-envolvimento)

O jovem usa uma linguagem “de jovem” com o entrevistador, que faz as perguntas de maneira muito formal. Nesta cena aparece a presença do pronome de tratamento *senhor*, usado ainda em situações de maior formalidade. Todas as formas *senhor* presentes nesta cena foram usadas pelo entrevistador para se dirigir ao candidato. Abaixo o gráfico indica o número das ocorrências:



O ATO II - CENA 1 apresenta um jovem, com problemas familiares, a um passo de se drogar pela primeira vez. O diálogo que se estabelece é entre ele e dois anjos (representados por um só ator). Um anjo representa o lado bom da consciência, e o outro a força negativa, o lado mal. Um aconselha no sentido de tentar fazê-lo usar a droga que um amigo lhe deu, enquanto o outro tenta o contrário, mostrando os prejuízos que terá ao utilizá-la. Sua configuração é mostrada abaixo:

ATO II	
<i>Cena 1: Drogas</i>	
(+ monitorado) -----	⊙ (- monitorado)
(+ tensão) - ⊙ -----	(-tensão)
(+ envolvimento) -----	⊙ (-envolvimento)

A situação é tensa: não há estabelecimento de uma relação de reciprocidade. Apesar de um dos interlocutores “forçar” uma situação de informalidade (os anjos), a informalidade não se

estabelece. Não há um diálogo aberto, como no ATO I-CENA I, em que os dois são iguais lingüísticos. Aqui, uma entidade, talvez mesmo fruto da imaginação do ator que representa o jovem, apresenta-se com uma linguagem de aproximação, mas o contexto é tenso:

Exemplo 2:

L2: você tem... por pior que ela seja **você** tem... escuta deixa eu te falar um negócio... fala aí pra mim o que que é isso aí na tua mão...

L1: droga...

L2: ah.... um amigo teu te⁵ deu?

L1: deu...

L2: ah legal e... **você** já... usou?

L1: não...

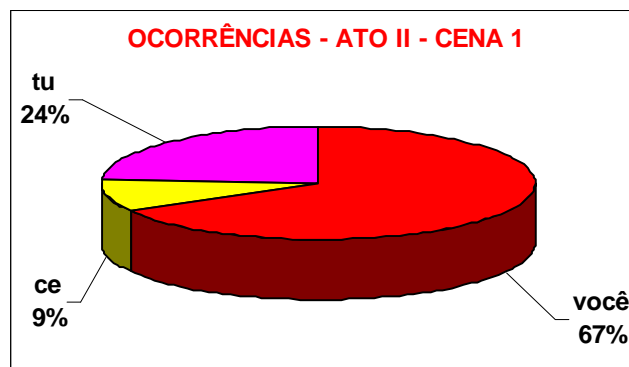
L2: não porque não?

L1: porque... porque tem gente que diz que num é pra eu usar eu tô em dúvida...

L2: ah que na:::da meu que na:::da...ó pela tua cara eu tô vendo que **tu** tá com uma série de problemas num é não?

L1: tô...

Observemos o gráfico representativo da frequência das formas de tratamento encontradas nessa cena:



No ATO III- CENA 1 temos um cidadão comum, estudante, estagiário em uma empresa, que sofre uma tentativa de assalto na rua, empreitada por um “marginal”. A linguagem usada pelo “ladrão” tende a ser marcada por construções tipicamente populares, como “mané”, “chega aí”, entre outras, conforme o exemplo abaixo:

Exemplo 3:

L1: ô mané mané... chega aí chega aí... chega aí... é **tu** memo... chega aí... tem um real aí pra emprestar?

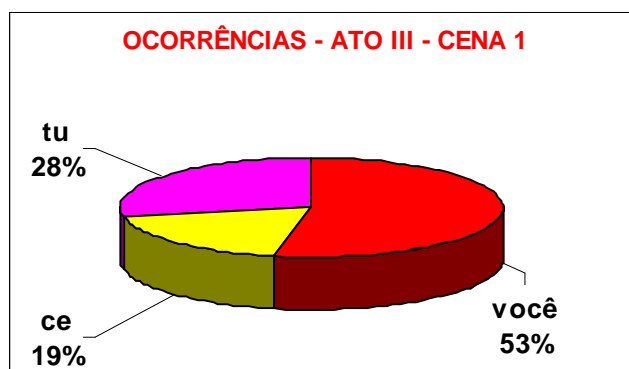
⁵ Não nos ateremos neste trabalho às formas objetivas e possessivas utilizadas pelos falantes.

L2: (pô) tenho não amigo eu já tô indo a pé pra casa e (tudo falô..) falô?

A situação, obviamente, apresenta-se tensa de início, porém vai-se estabelecendo um clima menos tenso, com uma relação de maior proximidade quando o cidadão passa a ironizar o assalto, dizendo que já foi assaltado quatro vezes naquele mesmo dia. Como o objetivo desta cena, segundo os próprios autores, era criar uma situação cômica, houve a intenção de ambos em se estabelecer uma informalidade maior entre os interlocutores.

ATO III	
<i>Cena 1: Violência</i>	
(+ monitorado) -----	⊙ (- monitorado)
(+ tensão) -----	⊙ (-tensão)
(+ envolvimento) -----	⊙ (-envolvimento)

A frequência das ocorrências aparece no quadro abaixo:

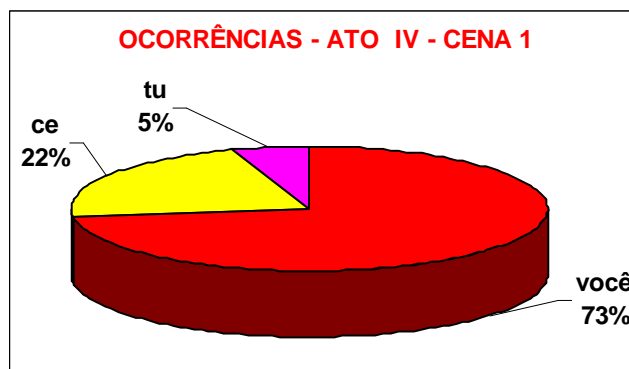


Passemos agora ao último ato da peça o ATO IV – SEXO E FAMÍLIA. Nesta cena os interlocutores representam dois jovens – um “garoto” e uma “garota” – de idade aproximada conversando sobre sexualidade e a um passo de terem sua primeira relação sexual e, posteriormente, a cena aborda uma gravidez indesejada.

Podemos considerar os interlocutores *iguais lingüísticos*, conversando de maneira informal e possuindo grande envolvimento; porém, a conversação mantém-se tensa devido ao assunto – contexto – do ato comunicacional: primeira relação sexual e a gravidez indesejada. Temos assim a seguinte configuração:

ATO IV	
<i>Cena 1: Sexo e Família</i>	
(+ monitorado) ----- ⊙	⊙ (- monitorado)
(+ tensão) - ⊙	(-tensão)
(+ envolvimento) - ⊙	(-envolvimento)

Apresentamos abaixo o gráfico obtido a partir da quantificação dos dados:



Houve a presença quase que absoluta da forma *você* (73%) e sua variante *ce* (22%), com a forma *tu* com 5% de ocorrência. A presença de *tu* ficou condicionada a um momento em que houve uma indignação por parte da garota:

Exemplo 4:

L2: você acha que eu vou... sem camisinha? **Tu** tá ficando loco? O que que tem primeiro porque eu num quero ficar grávida... já começa aí... (...) então tá... agüenta aí que amanhã mesmo **tu** já vai receber uma ligação da tv...

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise dos dados descrita no item anterior, podemos chegar a algumas reflexões e conclusões iniciais sobre o uso das formas de tratamento na Baixada Santista.

No primeiro ato analisado, na primeira cena, temos a comprovação de que a forma *tu* é presença viva e marcante na região, usada por jovens em situação de um registro informal. A forma *você*, porém, não pode ser desprezada, pois apresenta e confirma a tendência natural do português brasileiro de ser adotada oficialmente como pronome de 2ª pessoa.

Apesar de apresentar nesta cena apenas 4 ocorrências, notamos que a forma *ce* pode ser utilizada em alguns contextos semelhantes à forma *tu*, conforme exemplificamos abaixo:

Exemplo 5:

L1: ...**ce** vai surfá ótimo legal mas isso é lazer... (...) **ce** num pensa em trabalhá?

L2: mas é lógico que eu já pensei... (...) não mas olha se **tu** quebrá esse galho pra mim amigo...

Considerando as condições pragmáticas, podemos dizer que relação entre os falantes é uma relação entre iguais lingüísticos, e a intenção do falante é sempre de aproximação, de manter uma relação de contato informal. A antecipação e a reconstrução das informações são feitas de maneira mútua e cooperativa.

Já na segunda cena do primeiro ato, o alto índice de uso da forma *senhor* indica claramente a direção geral de que, numa situação de maior formalidade, ou, numa relação de poder, de inferior para superior e vice versa, o uso dessa forma é privilegiado.

Atentamos para o uso nulo da forma *tu* neste contexto, sendo mais um reforço à idéia de que o este tende a ser utilizado em situações informais, entre iguais lingüísticos, numa relação de solidariedade informal.

No segundo ato, a “consciência” assume o lugar de interlocutor, tentando manter um contato com o jovem indeciso se usa ou não a droga oferecida por um amigo. Aqui, na fala dos

anjos, alternam-se as formas *tu* e *você*, numa tentativa de aproximação, que não se estabelece porque o jovem está pensativo, pesaroso, monossilábico (cf exemplo 2).

Um fato que não podemos deixar de citar, por considerá-lo também como influenciador na mudança do comportamento lingüístico dos interlocutores é que, a partir de algum ponto desta cena, estes tomaram ciência de que estavam sendo gravados, e, acreditamos, isso influenciou no estabelecimento do clima de informalidade entre os “anjos” e o jovem. Mesmo assim, a forma *tu* ainda esteve presente, usado principalmente pelo ator que representava o anjo, numa tentativa, repetimos, de criar uma informalidade para que seus objetivos fossem alcançados (fazer com que o jovem use ou não a droga).

Assim, podemos dizer que as condições para o uso do *tu* estão ligadas também ao desejo do falante em aceitar ou não as condições oferecidas pelo interlocutor de se criar uma relação de reciprocidade instaurada através da expressão lingüística estabelecida através da escolha de um item lingüístico que permite abertura à informalidade.

O terceiro ato, marcado inicialmente por um clima de maior tensão e menos envolvimento, passa a caminhar para uma direção oposta no *continuum* devido à própria natureza e objetivo da cena na peça. Neste caso, acreditamos que o uso das formas de tratamento se alternaram de acordo com o nível de tensão, conforme demonstramos abaixo:

Exemplo 6:

L1: dá isso aqui... vai vai vai num me enrola num me enrola...

(+ monitorado) ----- ⊙ (- monitorado)

(+ tensão) - ⊙ ----- (-tensão)

(+ envolvimento) ----- ⊙ (-envolvimento)

L2: meu num tem como te enrolá porque tu num é carretel de linha...

(+ monitorado) ----- ⊙ (- monitorado)

(+ tensão) ----- ⊙ (-tensão)

(+ envolvimento) - ⊙ ----- (-envolvimento)

Exemplo 7

L2: é certo você trabalhar o dia inteiro... pra ganhar um salariozinho desse tamanho que você num vai poder nem aproveitar... porque você vai pagar tuas contas... ai você sai do emprego a primeira coisa que acontece... é um cara que num faz nada... passa... e leva toda a sua grana... a grana que você suou pra ganhar durante um mês... é certo isso?

(+ monitorado) -----⊙- (- monitorado)

(+ tensão) - ⊙----- (-tensão)

(+ envolvimento) -----⊙- (-envolvimento)

Entendemos que nesta cena, quanto maior o nível de tensão na expressão do ato comunicacional, maior era a tendência à utilização da forma *você*. A forma *tu* foi usada apenas em momentos em que L2 usava a comicidade inerente ao propósito da cena (como no exemplo 6).

No quarto e último ato, diante de uma situação como a apresentada – dois jovens de idade aproximada conversando sobre sexualidade e a um passo de terem sua primeira relação sexual – imaginamos de início que a forma de tratamento escolhida por ambos seria *tu*, como consideramos típico na região.

O que observamos ao quantificar os dados, porém é que o que ocorreu foi justamente o oposto, conforme verificamos no item anterior. A presença quase que absoluta da forma *você* (73%) e sua variante *ce* (22%) nos levou a refletir sobre fatores que iam além da reciprocidade. Consideramos, mais uma vez, que o grau de tensão foi fundamental para nossa reflexão. Os jovens, apesar de *iguais lingüísticos*, discutiam sobre um assunto delicado para os dois: a primeira relação sexual e a gravidez indesejada. Isso colocou sobre o ato comunicativo um alto grau de tensão, conforme o exemplo abaixo:

Exemplo 8

(antes do ato sexual)

L2: salafrário... ordinário miserável... como que você sabe que vai num doer nada se você falou que nunca fez também...

L1: bom eu nunca fiz é que me contaram eu vi nuns livros...

(após o ato, com o filho nos braços)

L1: ganhou bebê?

L2: é ganhei... e é a tua cara... olha só isso.... é a cara do pai... (...)

L1: tudo bem... é meu e daí...

L2: é teu? e aí você num vai assumir não?

L1: eu num tenho dinheiro...

L2: ó... pra começar a gente já fez tudo errado... a gente já fez tudo errado eu concordei com isso tal... (...) aliás eu dou graças a Deus que você tá livre de num tê doença nenhuma... porque olha... eu fiquei aqui ó... toda apavorada...

Em MODESTO (2003), ao tratar dos julgamentos de valor sobre as formas de tratamento usadas na região, lemos:

“Podemos dizer, efetivamente, que a correlação encontrada está ligada aos estilos de fala, tratando-se, portanto, de uma variação estilística, pois o uso de cada forma se molda a uma situação ou estilo específicos. Podemos afirmar, portanto, que há na comunidade a coocorrência das formas *tu x você* e *senhor*, sendo que para cada uma delas existe um contexto, uma situação que propicia e instiga seu uso. As formas *tu* e *você* podem ocorrer num mesmo contexto, porém, a forma *tu* sofre estigmatização por parte da comunidade, preferindo-se conscientemente o uso de *você*. Já a forma *senhor/senhora* fica restrita às situações de poder: maior formalidade e respeito, como nas relações hierárquicas familiares e profissionais. ”

Ampliando então essas considerações, podemos dizer que o uso das formas de tratamento deve ser considerado de acordo com os *continua* propostos, levando-se em consideração cada contexto enunciativo, cada relação pragmática que ocorre na utilização de cada uma das formas.

Podemos afirmar de maneira satisfatória segundo os dados que analisamos é que a forma *tu* apresenta uma tendência a ser usada em contextos de menor monitoramento, menor tensão e maior envolvimento, assim como a variante da forma *você, ce*.

A forma *senhor* tende a ser empregada em situações de maior monitoramento, maior tensão e menos envolvimento entre os interlocutores. É claro que essas conclusões não anulam outras possibilidades de uso desta forma, como por exemplo, nas relações hierárquicas familiares,

em que pode se apresentar num contexto de maior envolvimento entre os interlocutores. O exemplo mais claro está nas relações entre pais e filhos, onde essa forma ainda é presente.

A forma *você* aparece em contextos variados, evidenciando seu papel cada vez mais genérico e claro de pronome de segunda pessoa e se mostrando como possível substituto para a forma *tu*. Contudo, segundo os dados analisados, podemos dizer que sua utilização é mais evidente em contextos em que ocorre menor monitoramento, maior tensão e maior ou menor envolvimento.

Podemos concluir preliminarmente, que a escolha do item lingüístico na fala dos moradores da Baixada Santista está ligada às condições específicas de cada ato comunicativo, tendo peso ainda a intenção e informação pragmática envolvida no ato comunicacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maria Teresa dos Santos & VEIGA, J.L. (1988) O tratamento em Curitiba: o pronome zero. In: *Ilha do Desterro*, Florianópolis, UFSC.
- BOTELHO RAMOS M. P. (1999) *Formas de Tratamento no Sul do Brasil: Coocorrência de tu e você em Florianópolis*. UFSC.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (2004) *Educação em Língua materna: A Sociolingüística em sala de aula*. Parábola Editorial.
- BROWN, R. e GILMAN, A. (1960) The pronouns of power and solidarity. In: FISHMAN, J. (org.) *Readings in the Sociology of Language*. La Haya, Mouton
- DIK, Simon C.(1989): *The theory of functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI - USA,Foris Publications.

HALLIDAY, M. A. K. (1974): Os Usuários e os Usos da Língua. In: *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis, Editora Vozes.

_____.(1976). Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (org.). *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo, Cultrix / EDUSP.

_____. (1985): *An introduction to functional grammar*. New York, Edward Arnold

ILARI,R. et alii. (1996) Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: A T. CASTILHO & M.BASÍLIO(orgs), *Gramática do português Falado* . Volume IV Estudos Descritivos. Campinas, Editora da Unicamp.

LABOV, W. (1983) *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra.

MONTEIRO, José Lemos. (1994). *Pronomes Pessoais*. Fortaleza, Edições UFC.

MODESTO, Artarxerxes Tiago T.(2003): *Formas de Tratamento e São Vicente: Julgamentos de Valor*. Comunicação proferida no VI ENAPOL - Encontro de Alunos de Pós Graduação em Lingüística da USP .

NEVES, M. H. Moura. (1997).*A gramática funcional*. São Paulo, Martins Fontes.

RAMOS, Jania Martins.(1997) O Uso das Formas Voce, Oce e Ce No Dialeto Mineiro. HORA, Dermeval(org).*Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa, p.43-60.

SILVA, L.A.(2003) Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. IN: PRETI, Dino. (org). *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo, Humanitas.